

VESTIMONSTROS

Trabalho de Conclusão de Curso
Lia Morena
2025

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicação e Artes - ECA
Orientadora: Sumaya Mattar

Este trabalho é feito de muitas perguntas,
que impõem perguntas, perguntas que
se transformam, nunca estabilizam, pelo
cristalizar, e no entanto, durante que quando
persoas amigáveis, sociedade, e ministros,
as ideias muitas vezes são mais
pétricas que as respostas teorizando
desoladoras na contradição de Pol-
sonne e que a fantasia, e no diabolismo
de escalar e as frequentes mudanças e
que escalam e o que vai criando de
alguma forma. Tempos assim, aqui
como trabalho de Confissão de Credo
tem uma maneira de ser parte de
camadas, trajetórias, mistérios, e serem
perpetuamente confundidos continuamente.
Sempre não ter grandes pontos finais,
mas adotar as inúmeras vírgulas que
estrapelam as palavras e porram suas
potências poéticas, na forma de existis,
viva, viva, viva, ou, se comunicar com
e dar as vírgulas sensíveis que pre-
cisam de si mesmas no entender, na
tudo, estejam na escarpa. Estejam na

complexo instante desconhecido da
educação um trabalho político no
resistência e impetiva.

Na educação para além da escola,
no modo de pensar, agir, propor, receber.
No cotidiano, entre gerações, nas
pequenezes, nas grandezas, nas
objetividades, subjetividades, nos entres,
nos extremos, no além, no dentro,
no trincar, no ironizar, no ridicular,
no estranho, no criar e acriar.

VÍRGULAS QUE PERMITEM NAVEGAR,
ME ENTRE, NAS ESQUINAS, ENLUTADAS,
NOS CAMINHOS PARA ALÉM DA ESTRADA.

O TCC se dá no lugar de encontro
complexo entre experiência e trajetória
pessoal e artística e educação, do
trabalho de brincar com o ridículo,
de experimentar, estranhezas que
estrapolam pelos poros, e que tudo
isso se encontra como numa
quina na monstruosidade.

Agradecimentos

à Sumaya Mattar, que acompanha processos por aqui ao longo da graduação nos últimos anos e por orientar cuidadosamente este trabalho.

à Hellen, Ananda e Anahí por toparem pensar junto e ajudarem na realização da oficina.

à Rayssa e todos os amigos com quem tive trocas preciosas.

ao grupo de TCC de graduação orientado por Sumaya e todas as trocas, em 2024 e 2025.

Sumário

Parte 1: Memorial.....	5
Parte 2 e parêntesis: Livros infantis.....	35
Parte 3: De que monstros estamos falando?.....	43
Parte 4: Pedagogia queer, Pedagogia dos monstros, Pedagogia do esquisito	55
Parte 5: Oficina Vestimonstros.....	67
Bibliografia.....	105

Parte 1: Memorial

“Eles dizem: O presente tornou-se estranho. O passado está sendo contestado. O futuro é incerto.

Mas de que presente falam? A quem pertence ‘seu’ passado? Para quem tinham reservado o futuro?

A ordem de todos os valores oscila. O eixo da Terra inclina-se. Os polos deslocam-se.

(...)

Nosso presente, o presente dos corpos das minorias oprimidas, o presente dos povos outrora colonizados, o presente dos corpos aos quais se designou o gênero feminino no nascimento, dos corpos racializados, o presente dos corpos indígenas, dos trabalhadores pobres, dos corpos considerados anormais, sexualmente desviados, homossexuais, trans, doentes mentais ou incapacitados, o presente dos idosos e crianças, o presente dos animais não humanos, das minorias étnicas ou religiosas, o presente dos imigrantes e refugiados..., este presente sempre foi estranho, e nosso futuro nunca foi mais que uma série de perguntas sem resposta.

(...)

Não somos simples testemunhas do que acontece. Somos os corpos através dos quais a mutação chega pra ficar.

A pergunta já não é quem somos, mas em que nos transformaremos.”

Dysphoria Mundi, Paul B. Preciado

Neste memorial revisito minha trajetória nos últimos anos em que estive na graduação de licenciatura. Para começar é importante dizer que a pandemia de Covid-19 começou no meu segundo ano de faculdade. Aquele momento de começo de despertar mil interesses, entender melhor como funciona o ambiente universitário, energias e vontades em movimento. Com a chegada da pandemia, muitas potências foram à zero, enquanto outras cresciam.

Momento de confinamento, intensidades à milhão dentro de casa, contatos virtuais, debates e discussões políticas, de gênero, sexualidade, de mundo e fim do mundo correndo mesmo a distância.

Foi nesse momento, que duas linhas de produção/trabalho/estudo e ao mesmo tempo combustível vital, começaram a se construir. Uma delas, tema de personagens em desenhos, fotografias e foto performances, e outra, adentrar o mundo da educação.

Desenho para mim foi algo presente desde criança - frase talvez meio comum de uma pessoa que pensou em entrar numa faculdade de artes - mas majoritariamente em papéis soltos e preenchendo cadernos. Em 2020, eles começaram a crescer para formatos maiores de 1 metro, em tecidos, em madeiras velhas, e paredes. Personagens andróginos, bagunçados, explodidos. Explodidos um pouco literalmente. De desenho de carvão, se transformou em carvão e água por explodir água em cima de tudo numa evasão de sentimentos. E assim, descobri uma nova forma de desenhar, com interação entre novos materiais, com os quais sigo até hoje. Ao longo dos anos, de 2020 a 2025, formas específicas tiveram continuidade nos desenhos. Para além de formas humanas, também de palhaços, ciborgues, e hoje em dia de seres híbridos entre corpos humanos e outras espécies reais e imaginadas.



Personagens
Carvão e água sobre algodão cru
L: 83,2 x A: 132,3
2020



Palhaço
Tinta à óleo, carvão e água
sobre algodão cru
L: 61,2 cm x A: 84 cm
2020



Café?
Carvão e água sobre
algodão cru
L: 70cm x 105,5 cm
2025



Sem título
Carvão, giz pastel seco, giz pastel oleoso e água sobre
algodão
L: 70cm x A: 119 cm
2025

Neste momento também, quando já era possível encontrar outras pessoas numa convivência de 15 dias antes e depois de testes de Covid, alguns desses personagens se construíram junto e através de amigos. Nos encontramos, cavocamos roupas velhas, estranhas, brilhantes, peludas, e brincamos de se vestir de outra coisa, na liberdade que dava a transformação de quatro paredes em todo um universo a partir do momento e da intimidade. Vestimos roupas, vestimos inclusive desenhos recortados recolados, nos maquiemos, dançamos, e nos fotografamos, várias vezes, em diferentes encontros, cada um com uma pessoa. Desses encontros, alguns resultaram em conjuntos de fotografias mais concreto. O primeiro de todos, com uma amiga em casa, batizamos juntas de *Avesso*. E esse foi o nome que levei em todas as experiências seguintes no mesmo formato.

Outro caso, foi projeto de uma matéria realizada nas Artes Cênicas da USP, *Performance, Gênero e Ativismo*. A partir de um programa performativo, estabeleci perguntas para serem feitas em um encontro outra amiga. Após essas perguntas, que se transformaram em grandes e boas conversas, criamos juntas algumas *fantasias* a partir de roupas de um pequeno acervo que reuni pelos anos com este objetivo, e com roupas, máscaras e objetos que a pessoa tinha em sua casa. E em sua casa, fizemos um ensaio fotográfico vestindo esses personagens que criaram forma.



Avesso
com Isadora Totaro



Avesso II
com Quimera



Avesso III: Se eu fosse personagem
com Miriam



Até minha vó entrou nessa história. Minha vó, Miriam, com quem tenho uma relação próxima, teve uma trajetória marcante na qual nos últimos anos seguiu uma busca incessante por suas raízes. Nascida no Rio Grande do Norte e vivendo em São Paulo já há muitos anos, viajou diversos lugares do Brasil em busca de documentações confusas e perdidas que revelassem a identidade de sua vó, uma pessoa que era escravizada no Brasil e teve sua existência apagada. Buscou mais a fundo também a história e lugares percorridos de seu pai e sua mãe. Minha vó escreve contos e crônicas, e nessas escritas em meio a tal processo, escreveu um conto chamado “Se Eu Fosse Personagem”. Pronto, fazia o maior sentido ter um encontro de se virar do avesso com minha vó. Tiveram dois: uma tarde em 2021 e outra em 2023. Conversamos, tomamos uma cerveja sem gelo, escutamos música, dançamos, e ela se vestiu de vários personagens de Miriam do dia, que ela criou.

Ainda no contexto pandêmico escolhi no meu curso me aprofundar na licenciatura. A partir do momento que tudo que me atravessava mesmo num momento de distanciamento era um diálogo profundo entre processos individuais e trocas com outras pessoas com seus universos e processos próprios, e estudos em relação a visões de mundo, momento atual, fins de mundos, disrupções de binariedades de gênero e concepções, a educação ali para mim não tinha como não estar presente. Foi nesse momento que alguns autores passaram a povoar os estudos e dia a dia, de Paulo Freire a Paul Preciado, Donna Haraway, Michael Foucault, Larrosa.

Foram um pouco mais de dois anos dando aulas de fotografias para jovens e adultos, e estagiando em escola para Ensino Fundamental 2, parte na pandemia e parte quando as coisas estavam voltando ao presencial.

Os dois anos seguintes até 2024 entrei de cabeça em um trabalho intenso, também em escola (recorte importante, escolas particulares), com Educação Infantil. Nesse momento, mais alguns novos mundos se abriram. Eu era estagiária de atelierista, conheci um funcionamento de ateliê de Reggio Emilia, lidava com os trabalhos do grande número de crianças da escola, com o espaço de ateliê, a dinâmica e organização de todos os materiais e, aos poucos e cada vez mais, diretamente com as crianças durante as aulas, até mais próximo ao final do período de dois anos - que pareceram cinco - tive a oportunidade de participar também dos planejamentos de aulas, e a dar algumas aulas de ateliê para as crianças.

Na primeira escola, com o 5º ano no Fundamental 1, participei de um projeto chamado “Seres Imaginários”. Foi um trabalho de meses em que as crianças criavam uma história, criavam personagens em desenhos, faziam trabalhos corporais de dança e movimento e, por fim, construíram seus próprios personagens criados em si mesmos com tecidos, papelão, rolos de papel, jornal e papel celofane coloridos transparentes com os quais podiam se vestir. Tudo isso se transforma todo ano em uma apresentação de sombras enorme, em que as crianças atuam e brincam, sendo seus personagens, atrás de um grande tecido com uma luz contra, e a plateia via apenas as sombras, contornos e formas coloridas dos celofanes interagindo com danças, lutas e músicas.

Esse foi o primeiro momento em que vi uma ponte potencial se criando entre o que saía da minha cabeça nas fotografias e desenhos e o que saía das cabeças das crianças a partir de um projeto dentro da escola e propostas das professoras e professores. Uma ponte também entre um “brincar” adulto e um “brincar” de criança que tentava resgatar em meio a

intensidades em que o divertimento com a imagem do próprio corpo - que não deixa de ser um corpo político por existência - persistia.

Na escola seguinte na qual trabalhei, era uma escola de elite e um ambiente extremamente heteronormativo. As turmas eram de G4 e G5, respectivamente, 4 anos de idade, e 5 anos. Meu cabelo curto e roupas largas eram suficientes para despertar a pergunta das crianças em primeiro contato:

“Você é menino ou menina?”

“sou menina, e você?”

“hahahahaha eu sou menino, ué”

“eu sou meninaaa lalalala” - um menino zuando.

Um dia, um grupo de crianças novamente perguntou:

“você é menino ou menina?”

“sou menina e você?”

Já achei que era um novo grupo de meninos prontos para seguir perguntas, zoar ou sair correndo.

“Ah!!!!!! Eu sou menina também!!! sempre acham que sou menino.”

Eita, que fui pega na própria armadilha. E só repeti o que tava constantemente tentando burlar. Sorri junto, sentindo a importância de pequenos - mas não - momentos como este.

Durante as aulas, quando as crianças já haviam terminado tudo de uma proposta específica do dia, e as regras estavam presentes, ninguém poderia sair da sala até o sinal tocar, comecei uma brincadeira que passou a ser recorrente com diversos grupos de crianças. *O monstro maluco.*

Uma roda no chão, com um único papel no centro.

Vamos fazer um monstro maluco? Cada um pega um lápis ou caneta de uma cor, aqui. E colocava um recipiente com alguns lápis e canetas de cores diferentes e funcionando já preparados no centro da roda também.

Lá vinha o rebuliço inicial.

EU QUERO O VERMELHO!

EU TAMBÉM!

Alguém rabiscava o papel.

MAS VOCÊ PEGOU VERMELHO!

Pode ter dois vermelhos, não tem problema. Vocês lembram de como funciona?

Cada um desenha na sua vez, o papel vai rodar, e vai passar por todo mundo. Esse papel vai se transformar num monstro maluco!!! E cada um vai fazer uma parte, na sua vez, combinado?

Tá bom!!!



Cada vez era uma coisa diferente, com as crianças do G5, de 5 anos, costumava fluir a brincadeira de um jeito, que passei a deixar de estar presente nas rodas e as próprias crianças faziam o monstro maluco até o fim da aula, e criavam novas regras, deles próprios, que de cantinho eu escutava.

Nos aprendizados na prática das infâncias de 4 e 5 anos dentro daquele ambiente escolar, fui aos poucos percebendo o quanto de fato muda em um ano na vida de uma criança que existe á um tempo que para mim foi do início da pandemia até o momento atual. No G4 essa pequena e rápida brincadeira era um desafio maior, mas que não deixava de ouvir na semana seguinte “vai ter monstro maluco hoje???”. O fim do monstro era dado ali junto com o sinal de fim da aula do professor titular.

Podemos contar juntos o tempo que cada um vai desenhar no papel, vocês acham que contamos até 5 ou até 10 dessa vez?

Até 5!!!

Não, até 10, pra dar tempo de desenhar!

Vamos até 10, e depois diminuímos?

Sim!!!

UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO, SEIS, SETE, OITO, NOVE, DEZ

Passou!!!

UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO, SEIS, SETE, OITO, NOVE, DEZ

Passou!!!



Ao final do monstro,
Pessoal olha esse monstrengo maluco que vocês fizeram aqui!
Tem olhos?
Tem rabo?
Tem dentes?
Tem barriga?
Gosta de comer bastante será?
Fica bravo às vezes? sempre??
É gente fina, é?
Tem braços?
Tem garras?





Eram algumas perguntas que ia fazendo para as crianças, às vezes a partir do que elas também traziam, ou de características que poderiam ou não ter ali distinguíveis figuradas no desenho, no qual um único traço ou pontinho poderia significar inúmeras coisas, inclusive, às vezes, diferentes para o coletivo e para a criança que o fez.

Acho importante contextualizar que o funcionamento das aulas de ateliê que acompanhei se dava da seguinte maneira: Duas vezes por semana para cada turma. Uma vez na semana, era um ateliê baseado na continuidade, no espaço (físico do ateliê do prédio da escola, ou qualquer outro espaço da escola, que a partir do momento que a experiência se dava ali, era também ateliê), regido por uma professora atelierista. Outra vez na semana, era um momento reservado aos professores de sala para movimentar, continuar, estender, criar, pesquisas de sala e dia-a-dia específicos dialogando ali com linguagens artísticas, seja argila, pintura, desenho, colagem, e outras explorações diversas. O momento do monstro maluco vinha enfiado se esgueirando ao fim dessas aulas com os professores de sala, de maneira a não atrapalhar o processo, mas com fim de dar sentido para a permanência no espaço físico do ateliê mesmo com o fim determinado da aula. Momento que muitas vezes viravam brigas, brincadeiras outras e quebras de combinados que estavam para além do meu controle e responsabilidade como estagiária, com papéis ali delimitados como uma assistência.

Estava num contexto específico de uma escola elitista, com grupos constituído por uma minoria de crianças negras, em que uma parte eram filhos de funcionários e parte pagantes, e outra parte majoritária de crianças ricas e brancas, que tinham grande apreço de maneira geral ao individual, ao tesouro de maneira específica, um querer levar pra casa desenhos a qualquer maneira, e também jogar fora, largar rascunhos pelo chão. Me pareceu interessante criar um costume no qual gostavam de criar um desenho juntas e que, ao final, iam para uma parede específica do ateliê, que eu completava com cada monstro maluco até o final do semestre, até ter que zerar o espaço e começar novamente.

Parece inclusive que essa parede passou como despercebida, algo que ainda não sei. Mas, para mim naquele espaço, foi algo de grande afeto e importância. Era o espaço de conexão que mesmo numa posição de estagiária que estava por trás de muito e a frente de pouco - com a consciência de estar em um momento de formação - algo pequenino e simples teve sua presença. Gosto de pensar da importância de pequenices e de potências no simples. Estar naquele espaço também como estudante de licenciatura em artes, e não em pedagogia ou psicologia como a maioria dos outros estagiários, me sentia como não entendedora de muitas lógicas de educação e infâncias que circulavam entre os educadores ali. Peguei o básico de contar números juntas, batendo palmas, e fazendo um exercício de desenho coletivo, o qual já era desafiador para as crianças esperar a própria vez e observar o movimento do outro para complementar com o seu. Me coloco num lugar que imagino que possa ter muitas colocações à esse pensamento todo em relação à estudos pedagógicos, mas que na prática, acredito fazer algum sentido para escrever todos esses parágrafos presentes aqui.

Penso agora, sobre duas coisas. Uma delas, todo o pensamento ou inquietações ou movimentos ocorridos para e ne educadore, em contraste com o questionamento do que de tudo isso bate para as crianças. Coisas que como adulte e educadore pensamos em mil teorias, referências e experiências que para a criança não está nas nossas mãos e nosso controle. Pode ser algo perdido na memória, pode ser algo que faça sentido de maneiras diferentes, pode nem fazer “efeito” “efetivo” em ninguém. Mas, se colocando num lugar de educadore em formação, em estudo, acho interessante perguntas que a partir disso suscitam: que corpo de educadores temos presente em um espaço educativo/com as crianças? Quais as inquietações, referências ou simples movimentos cotidianos que desperta ao educadore ao criar propostas pedagógicas? Quais os corpos e existências e presenças de crianças estamos lidando e até onde podemos dialogar, trocar, entender o que se passa ali? O quanto e o quê podem ser coisas “marcantes” para as crianças? O que faz sentido trazer para o campo pedagógico? Ou talvez *como*? O quanto podemos medir de importância pedagógica/educativa em relação ao que pode ser “marcante” ou não para aquela criança no momento ou em sua memória? Propostas pedagógicas só fazem sentido quando sabemos que a mesma relevância vai despertar nas crianças? Em outras palavras, propostas pedagógicas podem também ser experimentação?

Questionamentos que surgem de caminhos de aprendizado, e de quem sente que tem muito a descobrir. Perguntas que nascem e ao mesmo tempo acompanham e impulsionam a prática de alguma maneira.

Na pandemia me aproximei e me encantei com o trabalho de Rivane Neuenschwander, *O Nome do Medo*. Rivane realizou uma oficina no Parque Laje, no Rio de Janeiro com quase 200 crianças de 6 a 13 anos, em parceria com educadores do Museu de Arte do Rio, e vários professores e artistas. Neste projeto as crianças exploraram seus medos através da palavra e do visual, elaborando *capas* que representassem, protegessem, que fossem armaduras para cada medo. As crianças, como coautoras de vestimentas incríveis, traduzidas em grandes formatos vestíveis pelo fashion designer Guto Carvalhoneto, compuseram posteriormente uma exposição.

imagens: catálogo *O Nome do Medo*



Quando me deparei com o momento de fim de graduação e consequentemente elaboração do TCC, tinha algumas possibilidades de projetos a serem desenvolvidos, mas o que mais parecia latejar era de alguma forma mesclar essas experiências, com meu processo como artista e como educadora em formação. Vejo minha formação na experiência direta com crianças de certa forma limitada e superficial, por mais que sejam quatro anos em escolas, foram escolas particulares da elite paulistana e um contexto delimitado, que vejo sentido crescente de fato em uma expansão futura e em prática contínua.

A primeira coisa que me veio foi tentar criar uma proposta de oficina com crianças que mesclasse com as ideias existentes de fotoperformance e brincadeiras de criar e se vestir de personagens. Pegar o projeto de Avesso, que fiz com amigas, que fiz com minha vó, e por que não trazer um pouco disso para a educação e com crianças? Duas palavras chaves giravam na minha cabeça nesse momento: Personagens e Brincar.

Depois, me veio a palavra monstro. *Monstro* é uma palavra tão ampla, que vive em tantos imaginários distintos, histórias, crenças, e para as crianças tem todo um mundo distinto do meu. Na verdade, uma pergunta que paira por esse trabalho, é o quanto esses universos possíveis de monstro são distintos e o quanto dialogam. E para além dessa relação, que monstros podem surgir no processo de criação. Adentrar a vastidão do monstro no universo infantil e a vastidão de monstro em universos adultos. Ao ser adulto, que monstros que são materializados e refletidos no real? Quais são os monstros imaginários que os adultos não veem? E quais - e “quems” são monstros na vida durante e “depois” de crescer?

Vou fazer um recorte aqui em relação à pensamentos sobre gênero e sexualidade. Não é a toa que a palavra *monstro* está presente quando falamos em um ambiente LGBTQIA+, ambientes queer, ambientes trans. Não é a toa que diversos trabalhos, inclusive muitos relacionados à pedagogias, dentro de um universo queer intelectual e artístico, levam essa palavra como afirmação, nomeação. Paul Preciado fez o discurso que se tornou o livro *Eu sou o monstro que vos fala*; Lino Arruda fez seu trabalho autobiográfico em quadrinhos *Monstrans: experimentando horrormônios*; Susy Shock, cantora argentina, escreveu o poema *Yo Monstruo mio*; Rafa BQueer, artista paraense, é uma das fundadoras do coletivo Drag Themonias e realizou uma exposição que levou o nome de “Monstração” (mostra + montagem + monstro); T. Angel nomeou seu mestrado *Monstruosidade e Educação: alguns rabiscos sobre a pedagogia do esquisito ou a pedagogia das aberrações*, como monstrado; e por aí vão inúmeros estudos e práticas, dentro e fora da Academia.

Ao mesmo tempo, quando penso nas crianças, em produções audiovisuais, orais e literárias feitas para crianças, *monstro*, é a bruxa maligna das histórias orais contadas para crianças passadas de geração em geração, são os seres medonhos, ou até seres amigáveis, mas vistos como medonhos para sociedade de seu contexto. *Monstros* são vilões, também são amigos, também são alienígenas, também são seres criados na imaginação que se tornam desenhos, são seres desconhecidos, são seres das profundezas, são seres da floresta que amedrontam para não passar dos limites da natureza, ou dos limites das ruas da cidade, monstros são sombras estranhas de ambientes sem luz, monstros são medos, monstros são emoções. Monstros podem ser muitas coisas, em diferentes culturas, países, bairros, cidades, casas, ruas, livros, histórias, canais e séries de TV.

Parte 2 e parêntesis: Livros infantis

Pesquisei livros infantis com a temática de monstros, o que por si só já é um universo vasto. Monstros que vivem no topo de montanhas, nas profundezas das florestas, que são desconhecidos, ou conhecidos e temidos, ou divertidos, ou frutos de emoções, ou símbolos de medos e pessoas, ou o resultado de qualquer característica extrema, estranha, maluca de mistura de vários animais.

Olga de Dios é uma autora e ilustradora espanhola de livros infantis, com histórias que buscam trazer reflexões sobre temas como diversidade e coletividade. Olga escreveu o livro *Monstruo Rosa* e *Monstruo Azul* (nomes originais em espanhol). Em *Monstruo Rosa*, descreve o personagem principal como diferente do mundo que vivia, era tudo sem cor e pequeno demais para existir por lá. Monstro Rosa viajou, atravessou desertos e mares até encontrar um novo lugar, com seres diferentes entre si, cada um com sua singularidade e muito colorido, e lá se encontrou para viver. Em *Monstruo Azul*, um grupo de amigos formado por Monstruo Azul, Bocas, Monstruo Naranja e Harri (nomes da versão original em espanhol), vivem em um lugar descrito como alegre, colorido, onde tudo sorria, as árvores, as pedras, as nuvens, os pássaros. Todos os amigos monstros tinham habilidades: voz potente, saltar muito alto, e grande força. No livro, quando descobriram suas habilidades se sentiram “os melhores”. Porém Monstruo Azul, tinha braços compridos, mas não tinha uma habilidade para ter este lugar de destaque e pertencimento. Com suas habilidades, “os melhores” perturbam todos os seres no ambiente, brincando sem perceber os limites dos outros. Monstruo Azul finaliza a história ao encontrar sua habilidade de escutar e de abraçar com seus longos braços, e trouxe o diálogo entre os amigos e todos os seres para viverem em harmonia e respeitar seu redor.

No livro *Monstros lá de casa*, de Eleonora Marton, uma personagem criança descreve num mapa de sua casa, um monstro para cada cômodo, que aparecem quando está de noite. Quando amanhece, os monstros não estão mais ali. Monstros que assustam a partir do momento que no escuro, ela não vê o que tem ao seu redor com detalhes. No final da história, quando a luz de seu quarto é apagada, se enxerga no espelho que tem à sua frente e leva um susto. O que seria mais um monstro da escuridão, na verdade é ela mesma.

Quem tem medo de monstro, de Ruth Rocha, tem uma história que percorre por personagens descritos como assustadores, que em seguida sempre tem medo de um outro personagem específico, que em seguida tem seu medo apresentado, e assim em diante. Seres como uma bruxa malvada, que tinha medo de bandido, que tinha medo de bicho papão, que tem medo de pirata, que tem medo de fantasma, que tem medo de lobo mau, que tem medo de monstro de cara feia, que tem medo de ladrão, que tem medo de barata.

Como reconhecer um monstro, de Gustavo Roldán, começa com a seguinte frase: “Se você der de cara com uma criatura que possa ser um monstro, é melhor ter certeza que ela é realmente um monstro”. Em seguida são descritos detalhes do que seria um monstro: inúmeras patas, orelhas peludas, olhos grandes e amarelos, pança tão grande que parece um teto, nariz que é uma gigante berinjala, e uma boca cheia de dentes. Finaliza com a conclusão do pequenino personagem que observa que é realmente um monstro, e sai correndo. E termina com a frase “você já desconfiou de alguém que pareça ser um monstro?”.

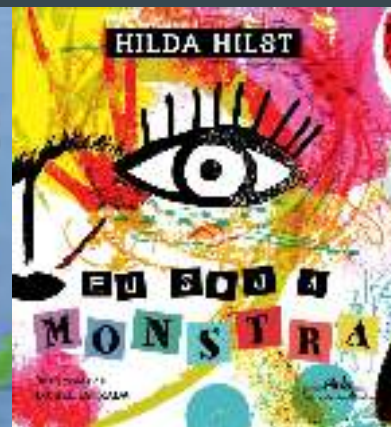
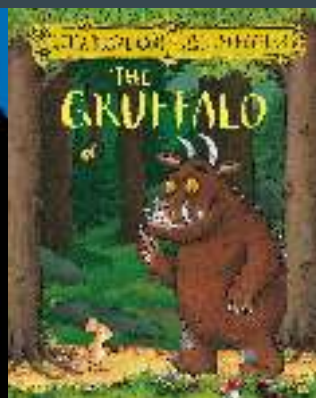
E segue uma lista de livros com muitas abordagens diferentes, cada um com sua e suas definições de monstros. Segue a vontade de expandir essa lista, conhecer mais histórias monstruosas, maneiras de falar sobre elas, dentro do que se encontra no mercado e em livrarias, e fora delas. Nos livros que acessei, temos muitas visões desses monstros, muitas vezes é um ser grande, animalesco, que devora um personagem indefeso. Monstro que devora princesa, crianças, animais pequenos na floresta. Outros seres, não necessariamente “monstros”, mas que são figuras popularmente assustadoras de alguma forma em universos infantis, ganham caráter monstruoso por exemplo no livro de Ruth Rocha: uma bruxa com horrível ruído, bandido terrível, fantasma que dá frio com seu jeito infernal. Temos os monstros frutos de figuras de pessoas reais. Monstros que são o que se pensa que se viu na mistura de medo e imaginação como nos *Monstros lá de casa*. Temos o monstro com pêlos, patas, dentes, que se avistado “deve-se correr”.

Dos monstros assustadores, temos os que ensinam que também são seres com medos, e nos fazem questionar os medos, e monstros que ensinam a reconhecer perigo e fugir. Dos monstros que não necessariamente estão nesse lugar assustador, muitos tomam forma de ainda mais símbolos, ensinam a lidar com diversas emoções, e com a imaginação como ferramenta para ler o mundo ao seu redor.

Ao ler esses e outros livros infantis com temáticas de monstros, com os pontos de vista que venho construindo na pesquisa, se exercitando a se atentar a possíveis significados ocultos de cada detalhe e relações com analogias sociais, é difícil de ver com uma ótica, talvez menos crítica, que também se permite acessar os diversos contextos e intuitos das histórias. Pensando em uma intencionalidade pedagógica de escolha sobre o que ler para as crianças, muitos livros que conheci dentro da temática de monstros

pareciam reproduzir algo que não escolheria ler para crianças a partir de um ponto político firmado. Não têm me interessado neste momento específico utilizar pedagogicamente histórias nas quais monstros tenham uma definição específica, “clássica” ou que se limitem ao que deve sempre ser mantido distância ou destruído. Não vou aqui entrar em detalhes de análise dos livros, porque o assunto irá para outras direções que aqui não cabem. Dentre os livros citados, existem visões de monstro que acho interessante. Outros, me incomodam por me negar a trazer, mesmo que possuam coisas que façam parte de fato de imaginários das crianças, como a bruxa má, ou monstros serem definidos por características físicas das quais deve-se ter medo.

Penso sobre escolher que brechas são importantes de abrir, e quais importantes de se atentar a não abrir, e em que momentos/contextos. Que tipos de monstros trazer como ferramenta de diálogo e aprendizado? Me vem o desejo de aproximar maneiras fazer as pazes com alguns monstros. Fazer as pazes não significa ser pacífico, bonito e tranquilo, mas sobre poderem ser algo que se pode adentrar e não fugir, e que também possa vir de dentro, como nos *Monstros lá de Casa*, que possam simbolizar sentimentos e convivências, como *Monstruo Azul* e *Monstruo Rosa*, e muito mais. Ou seja, falar sobre monstros, e dialogando com o universo infantil e de livros infantis que têm seus processos e estudos próprios nos quais não tenho propriedade para falar, mas como também leitora, é muito sobre perspectiva. O monstro assustador às vezes vem como algo a ser ensinado a se proteger também. Às vezes vêm com divertimento e adrenalina do levar um susto e querer sair correndo. Mas aqui, fico pensando em monstros de outros lugares (e que não se excluem). Lugares dentro da gente, num lugar curioso e em expansão.



Parte 3: De que monstros estamos falando?

Com o ponto de partida citado de diálogo com universos infantis, e ao passar a trazer a palavra monstro como principal nesta pesquisa e trabalho, se abrem portas para uma infinidade de significados, análises e origens históricas e culturais sobre “o que é monstro?”. Para além dos universos infantis e educação (mas que sempre está em diálogo), foram abertos caminhos para uma vastidão de possibilidades e contato com diferentes pesquisas em torno de monstros, sociedade, gênero e estruturas de poder. A relação com monstro e monstrosidade aqui estabelecida se fala de uma visão e afirmação de monstrosidade política, social, subjetiva e inventiva. O que monstros nos contam sobre quem somos, poderíamos ser e como escolhemos interpretar e representar o que nos rodeia e o que nos habita. Isto, a partir do momento em que esse processo é indissociável das estruturas violentas da sociedade que constroem uma visão de monstrosidade negativa à pessoas e grupos sociais que se deslocam de qualquer normatividade. Uma visão que utiliza o *monstro* como instrumento de violência e de poder ao marginalizar o que não está dentro de padrões heteronormativos, brancos, coloniais, cisgêneros, elitistas. No entanto, ao abraçar a monstrosidade, ela pode se transformar em uma potência de resistência e existência.

T. Angel, em seu monstrado *Monstrosidade e Educação: alguns rabiscos sobre a pedagogia do esquisito ou a pedagogia das aberrações*. A autora - pessoa trans não-binária, artista, ativista, professora e esquisita, mostra, um borrão, como se descreve - coloca a importância da pergunta sobre a categoria monstro/monstre/monstra: de que lugar e perspectiva estamos falando? Ela traz a “categoria monstra enquanto uma manifestação possível de existência e afirmação política da diferença”.

Para dar seguimento à reflexão, vamos à etimologia e origens da palavra *monstro*. Segundo o dicionário Michaelis:

mons·tro

sm

1 Ser fantástico, sobrenatural, geralmente grande e ameaçador, que pertence à mitologia ou ao imaginário das histórias e lendas infantis.

2 Terat Feto, pessoa ou animal de conformação disforme e anormal, total ou parcialmente; aberração, anomalia, monstruosidade.

3 Pessoa extremamente cruel, diabólica e desumana.

4 Qualquer objeto, animal etc. muito grande, fora do comum.

5 Qualquer ser ou coisa contrário às leis da natureza; monstruosidade.

6 Coisa muito feia, horrorosa.

O monstro do dicionário, parece dar nome à oposições: oposição ao belo, como coisa horrorosa, oposição ao “humano”, cruel e desumano, oposição ao “divino”, diabólico, oposição ao “normal”, e ao “natural”, tanto no sobrenatural, quanto às leis da natureza. Além disso, é designado ou à um animal ou ser fantástico presente em imaginários e mitologia, ou a “coisa”, ou à pessoa tão cruel que é desumana, ou pessoa ou feto com “conformação disforme”. Ou seja, monstro como o que não está nos “conformes”, de maneira que até humanos não são mais humanos. Portanto, se não são humanos o suficiente, não reconhecidos como tais, são monstros. Essas definições levam a perguntas como o que é “natural”? “normal”? O que seriam tais leis da natureza para serem quebradas por monstruosidades? Lendo tais definições me sinto em um cenário de filme medieval - que imaginários temos por aqui, não é mesmo? - como se o mundo fosse dividido entre sociedades humanas e monstros a serem combatidos. Ou, me lembra a dinâmica de inúmeras histórias entre heróis adorados e vilões monstruosos, inimigos da vida e da sociedade que o herói se propõe a salvar. Dentro disso tudo, vive uma visão hierárquica que não só elenca humanos acima de humanos, mas ser humano como ser vivo acima de todo o resto. Que coloca o “não humano”, próximo à natureza ou ao sobrenatural, como inferior, ameaça, ou pura fonte material de produção de riquezas a ser dominado. Contraditoriamente, como se o “humano” e o que é criado por tal fosse algo separado e além da natureza. Ao mesmo tempo que o “civilizado”, tecnológico, fabricado, assim como códigos, classificações e papéis sociais, culturais, sexuais, de gênero, entram em categorias do que é “natural” e não se deve contestar.

Para além de definições de dicionário, alguns autores que estudam monstros e monstruosidades em diferentes sentidos, trazem possíveis etimologias da palavra, que contribuem para um aprofundamento crescente da palavra monstro em direção à todo um iceberg existente abaixo de sua ponta visível. T. Angel, em seu *mostrado*, traz um trecho de Jorge Leite Junior:

Para Rosemarie Garland Thomson, tal palavra vem do latim monstra e significa “mostrar, apresentar”. Jeffrey J. Cohen afirma que monstro deriva do latim monstrum, com significado de “aquele que revela, aquele que adverte”. Também originando da língua latina, Claude Kappler informa que a essência de tal palavra estaria na raiz men, que indica os movimentos mentais. Dela surgiram as famílias de termos como monere, com o sentido de advertência divina, que com o tempo originou primeiro monistram e depois monstrum e monstrare. José Gil conclui que monstro originou da palavra monstrare e que essa possui a ideia de “ensinar um comportamento, prescrever a via a seguir”. (LEITE, 2012, p. 561)

Não à toa monstros estão ligados à abjeção, estranheza, medos e desejos. Está no lugar do que vêm para mostrar o que achamos que ainda não conhecemos também. Questiona o que pensamos que é fixo, inato, natural, normal, estável, eterno. Assusta e fascina. Vive e revela a existência de fissuras, rachaduras, de limbos, de entres, e ao mesmo tempo o quanto são impossíveis de deixar de existir. O “normal” só existe por ser considerado como tal em relação ao anormal. Leis e regras sempre vão ser quebradas porque não é possível definir e fixar a existência. Assim como não é possível o

ser humano de fato dominar todo o mundo com uma ou outra forma de conhecimento dada como superior (inclusive, a ganância de dominar tudo e a certeza de que conhece tudo que precisa para viver, destrói cada vez mais o próprio mundo que vive).

O mesmo autor, Jorge Leite Junior, em seu texto *Monstros usam roupas? A veste nos monstros e a monstruosidade nas vestes*, traz mais sobre a palavra, e a potência de *mostrar*:

Assim, monstro é o que “mostra”: as infinitas possibilidades da natureza, os poderes divinos ou os mistérios que se encontram nos extremos do conhecimento. É por isso que, comumente, os monstros se localizam nos limites entre o que é conhecido e o que não é, como o interior das florestas, o fundo dos oceanos, e, especialmente, nas fronteiras do intelecto, do socialmente possível e do culturalmente inteligível. (LEITE, 2022, p. 274)

Me aproximo aqui então desses entendimentos de monstro, como o que mostra, o que revela, o que é ou pode ser estanho, esquisito, traz estranheza, adverte. Não somente o que são, mas onde habitam: onde não sabemos o que encontrar, de onde parece que temos que nos proteger ou parece não conseguir acessar. Por viver no limite, vive em transformação. Desafia à transformação. Traz e revela esse limite. Incorpora medos, desejos, abjeções.

Ao trazer o monstro para a realidade social e cultural, contextualizada no Brasil em 2025 e dialogando com autores de diferentes localidades e contextos, entendo monstro, em primeiro lugar, como possibilidade de ser tudo que foge da normalidade heterossexual, colonial, cis,

branca, dentro dos trejeitos e conformes comportamentais e estéticos na sociedade. O que é, antes de tudo, *visto* como monstro? O que significa ser “diferente” para causar estranheza? causar a quem? diferente do quê?

Viver na sociedade ocidental marcada por uma história regada de violências e punições que fazem parte de uma engrenagem de estrutura de poder, a figura do monstro já passeou e passeia pelos considerados loucos enfiados em manicômios, por homossexuais, por transexuais, por pessoas racializadas e por toda carga da escravidão, por pessoas com deficiência, por pobres, por todas as categorias sociais que se encontram nas beiradas e na rejeição. A sensação construída de abjeção ao que é “monstruoso” é também histórica, cultural e política. Jeffrey Jerome Cohen, em *Pedagogia dos Monstros*, ao fazer referência à uma história bíblica, me lembra em primeiro lugar de outro contexto, atrelado do colonialismo: *Representar uma cultura prévia como monstruosa justifica seu deslocamento ou extermínio, fazendo com que o ato de extermínio apareça como heróico*. (COHEN, 2000, p. 33) Não apenas o colonialismo como seu processo histórico mas sua presença cultural que persiste no tempo, e como toda a gama de violências físicas e psicológicas à qualquer grupo social e à qualquer pessoa que caminhe e expresse sua existência fora da *normalidade*. Mentalidade do combate e do extermínio e da raiva contra um corpo LGBTQIA+, um corpo racializado, e por aí vai. O monstro ao ser uma *ameaça* à alguma ordem, é algo assustador, temeroso, *inimigo* que deve ser combatido.

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles loci que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro.

Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual. (COHEN, 2000, p. 32)

T. Angel invoca sua escrita em “primeira ~~pessoa~~ monstra”. Aqui, o monstro não está em um “outro”, comumente o lugar do monstro. Monstro é quem vos escreve, é quem vos fala - parafraseando o título do discurso de Paul Preciado *Sou o monstro que vos fala*. T. Angel complementa Leite: “Enquanto uma manifestação daquilo que é fora do comum, que gera estranheza e produz sismos, precisamos compreendê-la e reconhecê-la, antes de tudo, como uma categoria do pensamento (LEITE, 2012, p. 562). O pensamento também está no corpo.” (ANGEL, 2024, p.106)

Ao corpo que nos inscreve no mundo, que expõe, que troca, que existe, é colocado uma missão desde o princípio da vida, de crescer e se *desenvolver* de maneira linear, circunscrita, pré determinada e delimitada, prevista, e portanto aceitável para o funcionamento das engrenagens sociais, culturais, opressivas e capitalistas. A partir do momento que esse caminho deixa de ser linear, deixa de ser condizente com o que lhe foi escrito, passa a ser um corpo também de confronto. O corpo sai do automático, precisa tomar consciência de si. Passa a ver que a floresta é tão grande que beira o infinito, para além do caminho traçado e da trilha aberta à sua frente, mas que não se cabe, não se sustenta.

As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, legitimidade, moralidade ou coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos - e sujeitos - ilegítimos, imorais ou patológicos (...) Os esforços empreendidos para instituir a norma dos corpos (e nos sujeitos) precisam, pois, ser, constantemente, reiterados, renovados e refeitos) (LOURO, 2024, p. 76)

A cada tempo, a cada contexto, a cada região e momento históricos, corpo é fabricado de maneiras diferentes. É fabricado porque nos construímos por carga histórica, por cultura, por ancestralidades, por lugares, por vivências, por memórias, por aprendizados, por dores e prazeres. Nos construímos através de nós, de outros, de entorno, de instituições, de leis, de escolas, de propagandas, de religiões, de crenças, de remédios, de próteses, de hormônios, de cirurgias, de doenças, de expectativas. O corpo se fabrica. O corpo *monstro* busca fabricar a si mesmo. “Ao longo do tempo o corpo é (re)fabricado e, assim também, são as monstruosidades.” (ANGEL, 2024, p. 106)

Em *Os monstros usam roupas*, Jorge Leite JR discorre sobre vestimenta, monstruosidade e humanidade.

Graças às vestes, o corpo deixa de ser apenas um corpo e adentra na inteligibilidade das regras sociais. Para a grande maioria das culturas, o corpo físico é sempre mais humano quando está vestido. Mas, e quando o corpo não é humano? Quando um ser é compreendido como um “monstro”, o vestuário acompanha sua estranheza singular ou apenas a privação têxtil lhe convém?

Afinal, os monstros usam roupas? (...) as roupas são fundamentais não apenas para o delineamento social do que pode ser considerado humano, mas também para a demarcação do que é visto como monstruoso. (LEITE, 2022, p. 273)

“Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (LOURO, 2024, p.70) . Para além e interligado aos corpos, o *vestuário*, agora chamo para além de *roupas* mas elementos estéticos, físicos, se tornam códigos de leitura e classificação em diálogo com seus contextos e culturas. Para além de configurar parte de cargas culturais, carregam cargas simbólicas que refletem diretamente na prática. Um salto alto, terno, uma roupa rasgada, cortes de cabelo, pelos, uma saia, corrente no pescoço, relógio, sapato, tatuagem, cores, expressão corporal, “uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de piercing, (...) por uma musculação “trabalhada”, pela implementação de uma prótese” (LOURO, 2024, p.77) a depender de que corpo *veste*, os códigos se alteram. A depender da leitura social, de gênero, racial, de classe social que a pessoa se encontra, da maneira que se apresenta é codificada à ser aceitável de *cidadão* ou rejeitável, punível, equivocada.

Ela [a marcação, os códigos] poderá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado (LOURO, 2024, p.77)

O desejo de trabalhar artisticamente com transformações, com seres híbridos nos desenhos, com se vestir de personagens, de se transformar em monstros imaginados, existe no lugar do poder da estética como aprofundamento, de apropriar ao corpo pequenos deslocamentos que introduzem variedade à suposta estabilidade de formas distintas de se enxergar, de ser e estar. Para além de monstro, já passou por aqui em outros processos de criação figuras como do palhaço e de ciborgue. Palhaço, que nasce do imperfeito, do ridículo, de caricaturas. E o ciborgue, como ser atual mais do que nunca, no qual o orgânico e o tecnológico e fabricado se mesclam e formam um emaranhado indissociável.

Monstros mostram que é possível, sim, existir e resistir nos corpos e nas vestimentas, já que o "humano" parece ser uma grife para poucos (LEITE, 2022, p. 293)

Por fim, e não menos importante, é compreender esse nosso recorte de monstruosidade enquanto uma eufórica exploração da potência do próprio corpo (...). Uma reivindicação de si. É compreender o nosso recorte como a vida e a sua radical e poética expansão. Como Nimona diz, sem poder se metamorfosear ela não morreria no sentido literal, mas também não estaria vivendo. Não é sobreviver. É sobre viver. Nós já nascemos. (ANGEL, 2024, p. 108)

Existe uma força de vontade
e movimento que vive da
reassignificação de monstruosidades,
medos, vergonhas, aprendizados
sobre o ridículo, estranho, bizarro,
incerto.

É um constante exercício fazer
as pazes com seus monstros.

Ao mesmo tempo, múltiplas
maneiras continuamente
criadas de se apropriar de
monstruosidades se tornam
prazerosas, interessantes,
instigantes.

Quanto mais monstro, melhor.

Parte 4:

Pedagogia queer, Pedagogia dos monstros, Pedagogia do esquisito

Todos esses nomes de *pedagogias* vejo como formas de nomear intencionalidades similares, trazidas por diferentes pesquisadoras/es e professoras/es. Aqui, da *pedagogia queer*, bebo principalmente de Guacira Lopes Louro, de *pedagogia dos monstros*, de livro que leva este nome e que possui diversos autores (James Donald, Ian Hunter, Jeffrey Jerome Cohen e José Gil; Organização e traduções: Tomaz Tadeu da Silva), *Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações*, de T. Angel. Cada nome, cada teoria e pesquisa tem seus aprofundamentos, ideias, definições e conceitos. Aqui, me limito no estabelecimento de uma relação entre os pontos que se encontram, dentro da perspectiva de leitora.

Queer é uma palavra importada. Do inglês, em português queer significa “estranho”, “esquisito”, “fora do normal” e que foi designado em contexto anglo-saxão inicialmente como pejorativo às identidades LGBTQIA+ (LOURO, 2024). Termo que do pejorativo foi ressignificado assim como vários outros como sapatão, viado, freak, e o próprio monstro. Os vários significados anteriores que queer tem na língua inglesa, a palavra em si utilizada no português não tem. A palavra queer por si só é uma palavra estranha para a língua portuguesa no Brasil, se tornou um termo único. Louro pensa sobre a tradução de conceitos, a partir do momento que para além da língua e linguagem, existe o contexto de cada lugar e que os conceitos não são universais, não é possível somente transpor uma palavra de uma cultura para outra com a mesma carga de significado.

Na busca de uma “tradução”, pensando que ao mudar o contexto do termo ele se transforma e carrega cargas distintas, Louro ensaia “traduzir a teoria na sua articulação com o campo da educação” (LOURO, 2024, p. 58). A partir do momento que a tradução literal de queer é o esquisito, anormal, “como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode se

articular com a educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento?” (LOURO, 2024, p. 43). A autora brinca com a palavra e a conjugação do verbo “estranhar”, e o que poderia ser “estranhar o currículo”.

No Rio Grande, quando alguém diz: ‘Tu tá me estranhando?’, está sugerindo, com alguma dose de provocação, que o outro não o está tratando do jeito habitual. (...) Então, quando pretendemos ‘estranhar o currículo’, nosso movimento de desconfiar do currículo (tal como ele se apresenta), tratá-lo de modo não usual; seria um movimento no sentido de desconcertar ou transtornar o currículo. (...) Penso que é esse o espírito de ‘queering’ o currículo: passar dos limites, atravessar-se, desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto; colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele ‘corpo de conhecimentos’. (LOURO, 2024, p. 59)

A partir do momento que a hetero-cis-normatividade é uma das categorias fundamentais na sociedade que vivemos, queer balança e desmantela questões estruturais por elementos que vivem na base. Estruturas que parecem tão rígidas, mas que para se sustentarem precisam ser constantemente reiteradas nas formas de poder e controle, na lei, na cultura, na religião, na educação.

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. Tal como atravessadores ilegais e territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. (...) Talvez sejam suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços. (...) Uma série de estratégias e técnicas poderá ser acionada para recuperá-los: buscando curá-los, por serem doentes, ou salvá-los, por estarem em pecado; (LOURO, 2024, p.80)

A escola, como instituição da sociedade com intenções de introdução à convivência e realizar papéis de formação de sujeitos, é um dos lugares onde as violências, aprendizados e etiquetas sociais são metralhados e estruturados logo no período da infância. É um grande pilar de manutenção de poder, de reiteração de códigos sociais, estéticos, de convivência, de atitude, de certos e errados dentro de conformes. A educação tem um poder gigantesco em relação às maneiras que as engrenagens micropolíticas podem funcionar, tanto na manutenção de um regime de poder, ou quanto colocá-lo em questão com urgência. É necessário construir pedagogias que não o perpetuem, e sim que busquem dilacerar os modos de fato destrutivos de viver o mundo. Os modos que controlam e delimitam corpos, que definem existências, que contornam quem deve morrer e quem deve viver (Referência à Necropolítica, de Achille Mbembe).

A “Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações” busca atuar no sentido de produzir marcas de afeto e resignificar as marcas de outras dores, para docentes e discentes, para que transformados, possam transtornar o mundo e intervir na normatividade compulsória. Pois se o poder requer corpos tristes para que possa nos dominar, nós buscaremos ser corpos que conscientes de si e de suas potências dançam furiosamente, metralhando o tempo e espaço com sorrisos vibrantes e barulhentos que preencham a imensidão. Buscar com essa pedagogia gerar pulsão e expansão da vida, “ensinar a viver, não a morrer” (DELIGNY, 2018, p.114). (ANGEL, 2024, p. 112)

Reivindicar e realizar a possibilidade de fabricar seu próprio corpo e maneiras de ser, é renunciar que a sociedade deve fazê-lo. Renunciar que corpo, subjetividade, expressão, maneiras de viver, se relacionar e ver o mundo não vão seguir uma linearidade nem rotas previamente traçadas e impostas. Por isso queer, e pedagogia queer, vai muito além de propor pensar de forma literal e direta gênero e sexualidade. Atravessa a existência, propõe confronto, coloca a dúvida e “não lugares” como algo que ensina, que é produtivo, que é abertura de novo, de criação, de proposição. E não é por intencionalmente resignificar a incerteza que se torna uma pedagogia solta, sem base, pelo contrário.

Queer habita perspectivas, rompimentos com lógicas binárias e é “enfrentamento das condições que se dá o conhecimento” (LOURO, 2024, p.60), coloca conhecimento como algo em constante construção e transformação, abrindo porta para necessárias e urgentes novas perspectivas, ou antigas e ancestrais, com pouco ou nenhum lugar na Academia ou na política.

Assim como o monstro, queer vive no entre. Queer é monstro, e monstro também pode ser queer. “Monstruosidade é a infinita e possível mixagem, união e ou borramento entre categorias socioculturais” (LEITE, 2012, apud ANGEL, 2024, p. 108)

Uma pedagogia queer não busca instaurar um novo modelo específico como certo à ser seguido, e sim perspectivas questionadoras do sistema existente que partem de negativas às imposições hétero-eis e “traduzindo” ao contexto brasileiro no caso, com expansão do debate interseccional. “Visto por essa perspectiva, uma pedagogia e um currículo queer ‘falam’ a todos e não se dirigem apenas àqueles ou aquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos queer” (LOURO, 2024, p. 48). Cria-se um desafio à binariedades de Homem x mulher, certo x errado, belo x feio, bom x mal, divino x diabólico, natural x artificial, conhecimento x ignorância. E aí também sua importância política e pedagógica, até onde e o que é considerado conhecimento, e conhecimento válido, ‘útil’, importante. Assim como:

A “pedagogia dos monstros” não desenvolve uma pedagogia dirigida à formação de monstros nem uma pedagogia que utilize os monstros com fins formativos. A “pedagogia dos monstros” recorre aos monstros para mostrar que o processo de formação da subjetividade é muito mais complicado do que nos fazem crer os pressupostos sobre o “sujeito” que constituem o núcleo das teorias pedagógicas — críticas ou não. (DA SILVA, 2000, p. 20).

Monstras, monstros e monstres... Sendo crias das rupturas e do contexto de cada período, caminhanças das fissuras, bailarinas monstruosas das brechas, habitam, transgridem e borram os limites das terras, dos corpos, do humano, inumano, animal, vegetal, mineral, anjo, demônio, alien, homem, mulher, homo, hétero, bissexual, cyborg, conhecido, desconhecido (LEITE, 2012, p. 562). Criaturas da limiaridade. (...) Pelo embaralhamento interseccionado - também conhecido como babado feat. confusão - de marcadores sociais, extrapolamos as noções de identidade como algo seguro e estável, instaurando estranhezas. Escapando da assimilação e captura pela elaboração de códigos complexos de compreensão. Problemas. (ANGEL, 2024, p. 107)

A educação tem caráter de encontro, de vivência e convivência coletiva. A gente cresce e constantemente se espelha, se compara e aprende com o contato com outro. Acho que um desafio da educação é inclusive pensar em equilíbrios entre lidar com o “eu” e “outro”. Como a alteridade pode se construir através de respeito e de troca, e o “eu” como importância de se encarar e se aprofundar, sem entrar em lugares egóicos e que se distanciam e hierarquizam o entorno. Poder criar noções da diferença atravessadas pela compreensão pedagógica de que “para o outro, a alteridade e o diferente também sou eu.”

Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. (...) Ao colocar em discussão as formas como o ‘outro’ é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. (...) Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2024, p. 45)

Entendendo que, se todo corpo tem potencial para ser pedagógico, ou em outras palavras, que não se faz pedagogia e educação sem corpo, pude ir observando os deslocamentos que a minha presença mostra gerava, despertava e aflorava em sala de aula: tanto pelo corpo que eu sou e tenho, mas como também pelo que esse corpo carrega enquanto repertório e episteme. São outros movimentos e saberes. Há o que está fora e há um universo dentro.

(ANGEL, 2024, p. 110)

Voltando para o pensamento sobre um trabalho de conclusão de curso pertinente, me brilhou os olhos a ideia de construir monstros vestíveis com crianças. Conectar, através de uma proposta educativa, do brincar, criar, se transformar e imaginar, universos infantis com os universos como educadora de corpo não binário que a trajetória se insere também nesse lugar de outras formas. Num possível diálogo entre universos e entre corpos, que passam por questionamentos de quem são as crianças e quem são as pessoas educadoras presentes. De onde vem as propostas, com que pontos de vista, com que inquietações, com que direcionamentos, perguntas e referências. Questionamentos que entram no campo do educador, e que no processo de elaboração do trabalho, penso que não se concentra em criar uma proposta pedagógica específica inovadora, mas presente na pergunta de como a educação atravessa o próprio corpo e experiência em uma perspectiva outra, e como a partir disso atravessa a troca com a subjetividade da pessoa em lugar de educando e suas criações. O que pode surgir do encontro, podendo ser um lugar de experimentação.

A “magia” da educação e da troca com crianças se dá muito com a potência do universo do brincar, da imaginação e fantasia, algo que é comum ficar permanecido e reservado às infâncias - quando se tem o direito de brincar e imaginar. Resgatar o brincar e imaginar sendo adulto, faz parte também de desfazer amarras, de dar valor à inquietações, investigar possíveis descobertas encarando o mundo como lugar não tão conhecido assim. E o que é reservado às infâncias, e muitas vezes se perde quando se torna adulto, entra num lugar que subestima e inferioriza o que é ou pode ser “coisa de criança”.

VIRGINIA KASTRUP: Ora, a criança é muito séria e íntegra, tem um corpo atento e se coloca inteira naquilo que faz. Então, essa imagem meio infantilóide, da criança incompleta e ingênua, é completamente equivocada.

STELA: A criança dá muita credibilidade a suas urgências, ela as ouve e as expressa. Isso é algo que perdemos e que se transforma numa violência no decorrer da vida. (BARBIERI, 2022, p. 18)

Os monstros também cabem aí. Como canal de brincar com o que é pesado, é denso, oxigena as profundezas do cultural, político, social, violências. Monstro como maneira de buscar abraçar o ridículo, afirmar as diferenças, dançar com o esquisito, ironizar o que oprime, inverter e afrontar o que afronta, aterrorizar o que aterroriza. Inserir o *queer*, o estranho, bizarro, tabu dentro de pensamentos no campo da educação, buscar a dúvida, o informal, o não saber também como possibilidade de ser positiva, produtiva e propositiva ao invés de problema. Me brilha os olhos ao pensar no diálogo entre monstros e infâncias. Sempre “infâncias” no plural, por se constituírem de maneira heterogênea a cada contexto. Criança tem um mundo inteiro dentro

de si com potencial de constante movimento, vivo, sensível, brincante e criador. Sem entrar num lugar romantizado e generalizado sobre infância, de toda forma as crianças têm muito a ensinar dentro disto tudo.

Uma infância brilha dentro de cada ser humano. Uma infância de invenção de mundos. (...) Os movimentos da infância impregnam o ser pelo resto da vida. Um fazer conectado com o corpo todo; aventuras de movimentos visíveis e invisíveis. Interesse por objetos e lugares que ninguém dá bola, que não têm serventia alguma, ativado pelo desejo de ir aonde ninguém consegue. Reinventar o uso das coisas. Corpos que se esticam, enrolam, gritam. Corpos relaxados e pendurados. Desassossegados. Desassossego pouco compreendido. Anseio de experimentar com o corpo. As crianças insistem em se movimentar e se perguntar. Os desafios vão aumentando, meninos e meninas vão sendo atravessados pelo mundo. (BARBIERI, 2022, p. 16)

A importância do que as crianças têm a ensinar está no brincar, está na imaginação, nas opiniões, visões de mundo... O brincar é forte, porque parte do lidar com monstruosidades, é a potência da resignificação e brincar com o ridículo, vergonhoso, assustador, esquisito. A potência de como o que é rejeitado ser prazeroso, dar orgulho, ser poderoso. No livro *Negros na Piscina*, existe um capítulo chamado *Tratado sobre educação e curadoria em três atos*. No Ato II: *Curadorias bobas - seminários engraçados e outras esquisitices*, a artista Ana Raylander conversa com a palhaça Fiapo Marrom. As duas conversam sobre suas perspectivas de trabalho e a curadoria no contexto do projeto Seminários Engraçados, de maneira que trazem muito do assunto do brincar e do riso como potência no contexto brasileiro e sul-global, e que diretamente se relaciona com as ideias anteriores.

Ana - Gosto de pensar minha atuação no mundo como a de uma brincante (...). Os trabalhos não estão apartados da minha experiência no mundo, tampouco são uma ilustração ou mimese de mim mesma, porque tocam em assuntos que dizem respeito a muitos. (...)

Fiapo Marrom - Óia, a curadoria boba é uma curadoria mole. Tem muita gente pensando a coisa de modo duro, sabe? Se você olhá bem, as bibliotecas estão cheias dos manuais, das enciclopédias, das receitas de passo a passo que nem pode errar, dos regamentos feitos pelo homem... Mas pra rir aqui e ali o negócio não pode ser duro, tem que fluir. (...) Eu sempre levei muito a sério esse trem de fazê brilha no olho de gente nova, e de gente adulta também, porque não vou esquecê que os grandão já foram pequenininho. (...) A curadoria boba é a curadoria do avesso. Ela nasceu revirada porque não dá pra fazê brilha no olho em sintonia com o mundo que a gente tem. (DOS ANJOS; DOS SANTOS; FIAP MARROM, 2023)

Juntar pedagogia e educação com monstros e monstruosidades acho que é uma questão de perspectiva de encarar universos no qual muitos pontos de vista estão presentes, agindo, pensando, pulsando, movendo, e que dialogam entre si. Questões como os lugares da dúvida como criadora, o resgate da imaginação, não são questões novas ou exclusivas à pedagogia queer/dos monstros/do esquisito. Mas, como outras perspectivas, acrescentam dimensões, ampliam as camadas de sua maneira que atravessam a educação, identidade, sociedade, contexto, história. Deixar que a monstruosidade atravesse a educação, coloca em confronto camadas profundas, urgências, ideais, disciplinas, estéticas, intencionalidades, vivências, subjetividades.

Parte 5: Oficina Vestimonstros

No cotidiano somos constantemente afetados por aquilo que banha nosso entorno, mas de que maneiras o que ressoa e nós ganha corpo? Como a mistura nos constrói? Como nos constitui? Somos feitos da mistura e pela mistura de ideias, pigmentos, matérias e pessoas. Como a matéria do mundo dialoga com a matéria do nosso devaneio? Como podemos nos colocar em movimento juntos, e assim inventar outros mundos? A constituição de cada ser vivo e os sistemas em movimento nos convocam à presença, nos convocam à transformação do mundo e da matéria. Convocam o fazer, na medida que também convocam a atenção. A arte acontece no entrelaçamento que nasce do confronto-encontro do nosso corpo com o corpo no mundo. (BARBIERI, 2022, p. 118)

Me encontrei na palavra monstro, quanto mais lia sobre diferentes perspectivas, histórias, ideias e contextos, mais dava vontade de buscar mais. Mais complexificava e ao mesmo tempo simplificava muita coisa, por nomear e conectar noções, experiências, visões, que a partir do entendimento de monstro tudo pareceu mais coeso, mais entendível, mais excitante. Então, um dos objetivos depois passou a ser tentar criar um diálogo entre o que é e pode ser monstro em universos adultos, e em universos de crianças. E com isso, de novo, absorver o que as crianças têm a devolver e a ensinar. Uma oficina que estabeleça um lugar de troca no qual conduzo uma linha, uma proposta, tempos, combinados, uma estrutura, mas que as crianças vão estar num lugar criador, de recheiar a proposta, trazer o “conteúdo”.

A ideia principal da oficina, com público alvo de crianças de 6 à 12 anos, é estruturar uma proposta na qual as crianças criem monstros através do desenho e de conversas, e se transformem neles de alguma forma, construindo algo vestível com materiais diversos: Uma máscara, uma capa, um adereço, uma parte do corpo. Para isso foi pensada em três principais momentos: Um primeiro de aproximação, se conhecer, se apresentar, e adentrar o universo da proposta. O segundo, o desenho de criação do monstro, também como pré-projeto do que vêm depois. E por último, com ajuda das educadoras presentes, iríamos ajudar a “traduzir” os desenhos para construções no próprio corpo das crianças. Como a oficina se deu e mais detalhes de como foi planejada, vou contar junto, depois de ter acontecido.

Uma das maiores inspirações para o planejamento da proposta, juntamente com as experiências de planejamentos e práticas de aulas em escolas, foi o trabalho de Rivane Neuenschwander, *O Nome do Medo*, citado no memorial nas primeiras páginas. A palavra “tradução” peguei emprestado quando Rivane descreve o processo de elaboração das capas da exposição realizada após os encontros. No entanto, está em outro contexto, em que o designer produziu as capas traduzindo os *originais*, os desenhos feitos pelas crianças, em que “não deve haver aí uma hierarquia entre todas essas partes, mas uma desestabilização dos conceitos de autoria e originalidade.” (NEUENSCHWANDER, 2017, p. 39) Na oficina Vestimonstros, a ideia inicial era que uma “tradução” estivesse presente no auxílio dos adultos, na elaboração em conjunto com as crianças, agregando ideias e possíveis técnicas ao dar atenção às suas criações nos desenhos e conversas. Como se, dentro da proposta, a criança trouxesse outra proposta, e as pessoas educadoras presentes entrassem na brincadeira junto na missão de dar vida àquele monstro. Ao mesmo tempo,

com equilíbrio, presença e atenção aos momentos que a troca faz sentido, e os momentos que o processo individual da criança pode fluir sozinho também.

A ideia já previamente existente do desenho estar presente como elaboração e criação primeira dos monstros na oficina, de estruturação da ideia, e ponto de partida e de fluidez da criatividade, foi complementada ao ler o processo de Rivane:

O desenho funciona como uma espécie de anteprojeto, e é por meio dele que a criança se expressa mais livremente e determina as formas e a cores do objeto que será construído durante a sessão. A criança tem familiaridade e domínio do lápis, da borracha e da caneta. E o papel conta com uma escala apropriada, é de fácil manuseio e tende a intimidar menos. (NEUENSCHWANDER, 2017, p. 33)

Outro pensamento importante no momento do planejamento foi em relação ao espaço físico e materiais a serem utilizados. Algo que comecei a aprender sua tamanha importância na arte educação no acompanhamento da prática de atelierista. A organização e disposição do ambiente é tão importante quanto a escolha dos materiais, referências e planejamentos para a dinâmica fluir. Escolhas intencionais de onde vão estar materiais, se terão espaços no chão, em mesas, em estantes, se estão visíveis e convidativos, se haverão referências imagéticas, se é amplo o suficiente para se movimentar, se têm cantos confortáveis. O espaço também fala, convida e inspira. O espaço no qual a oficina ocorreu, tinha um ambiente interno amplo, uma pequena varanda, uma pequena laje ao lado com um espelho na parede, e uma escada que levava a um extenso quintal. Organizamos o espaço com uma roda central com esteiras e almofadas, uma mesa comprida ao lado com



papéis e riscadores (lápiz grafite e lápis coloridos), uma mesa na varanda, e uma estante na laje externa na qual na segunda etapa da oficina organizamos o restante dos materiais a serem utilizados depois do desenho. Não deixamos os materiais expostos anteriormente com a intenção de estabelecer uma conexão primeiro com o desenho, e não se tornar possíveis distrações.



Sobre os materiais, optei por coletar e escolher uma diversidade para que fossem possíveis diferentes formatos, tamanhos, cores e texturas. Coletei caixas de papelão, embalagens arredondadas de isopor, rolos de papel higiênico e papel toalha, e mais um monte de embalagens recicláveis. Estas, sempre quando não tinham - ou eram retiráveis - rótulo, e tinham uma estrutura resistente, e com diferentes tamanhos. Reservei papel celofane e papel crepom coloridos, fitas adesivas, silver tapes, tecidos, barbantes. Na estante, tentamos organizar tudo de forma que tivesse alguma separação entre materiais grandes e resistentes que pudessem servir de volume e possíveis estruturas, materiais menores para detalhes, outros que traziam diferentes texturas, e os que poderiam trazer mais cores aos demais.

Selecionei também algumas imagens que, durante o momento de desenho “pré-projeto” individual, foram dispostas no chão, junto com um livro que li na oficina *Pequeno manual de monstros caseiros* e outro, não sobre monstros mas sobre transformação: *A criança borboleta*.¹ Entre as imagens, tinham desenhos e ilustrações de animais, seres imaginários e híbridos com plantas e outros animais. Com traços, técnicas e cores diferentes, disponíveis para serem bisbilhotados em momentos possíveis de curiosidade ou em busca de ideias, e com uma busca de variedade com intenção da não delimitação de uma maneira específica de se desenhar e criar, não alimentar a noção do que é ou pode ser “desenhar bem” ou “desenhar mal”. Além de desenhos diversos, tinham imagens como ilustrações de Fernando Vilela², fotografias de Gauri Gill³ e uma foto-performance de Rafa BQueer (Uhura BQueer, *Monstração Realness*).



1. Livro ilustrado que conta a história de um menino que gostava de ser uma borboleta. “Sou uma borboleta. Eu giro e me agito, viro e rodopio. Flutuo e farfálio. E quando abro minhas asas, eu voou!” Construiu suas próprias asas, que foram destruídas por outras crianças que riram do seu brincar. Com a ajuda do pai, reconstruíram suas asas, e retomou forças para ser borboleta.

2. Artista e autor de livros ilustrados que mescla linguagens da xilogravura, fotografia, escultura e pintura.

3. fotógrafa indiana que, em sua série fotográfica “Acts of Appearance” realizou trabalhos colaborativos nos quais convidou fabricantes de máscaras tradicionais da zona rural da Índia, a produzir novas máscaras encomendadas. Estas, com formatos de animais, figuras humanas e objetos (enquanto as tradicionais encontram formas de personificação de divindades), foram vestidas pelas pessoas da região e pelos artistas, e registradas com suas novas máscaras em situações comuns do cotidiano.

4. Uhura Bqueer é drag-themônia de Rafa Bqueer, artista paraense que confronta imaginários coloniais, e seus trabalhos falam da subjetividade amazônica LGBTQIA+, e “de forma crfítica e debochada da existência de sua corpa preta e trans nas instituições e em festas populares do Brasil.



A criança borboleta, Marc Majewski



Acts of Appearance, Gauri Gill



Uhura Bqueer



Separei um caderninho para registros do processo deste trabalho. Nele, por onde também a pesquisa foi crescendo, estão também mil planejamentos, ideias, mudanças, lembretes, organizações para a oficina acontecer. Estruturar na cabeça para depois pôr em prática. No entanto, é importante ter a flexibilidade da mudança, a partir do momento que se colocar ao desafio da educação é se deparar com a imprevisibilidade, e com o que vêm do outro, da dinâmica, do presente. Uma coisa é pensar, discutir, se encantar com mil ideias. Outra, é se colocar no espaço, na prática, na troca.

Trabalhar com criança é trabalhar com imprevisibilidade, sem esperar respostas específicas, que tudo aconteça como planejado, prever totalmente desafios. A intenção cria o contexto, cria o espaço para o experimentar, caminhos criativos e abertura para novas perguntas. Ao mesmo tempo que cria recortes, perspectivas e direcionamentos para movimentação.

O estudar, ler, pensar, escrever, redigir, está nas perspectivas do educador, por trás da prática, mas não necessariamente no literal e direto da experiência em si. Ainda mais ao lidar com as infâncias, muita reflexão compõe a carga do educador por trás de perguntas e escolhas, na estruturação do pensamento e prática. Mas no meio disso, é necessário permitir que a cabeça e corpo adulto entre também em parte no universo infantil, sem determinar um ponto final totalmente coerente e esperado do encontro.

Quando a oficina estava mais ou menos esquematizada - dia, horário, lugar, faixa etária, planejamentos base - comecei a divulgar. Um cartaz circulou redes sociais, grupos de whatsapp, e em formatos físicos na rua, em recepções de escolas, centros culturais.



A oficina teve saldos positivos, com algumas ressalvas de aprendizados após uma primeira experiência. Primeira experiência com uma responsabilidade de criar a ideia, estrutura, todos os materiais, pesquisas, divulgações, diálogo com pais e responsáveis, articulações... O que teria sido bem mais difícil ser feito totalmente só, tive apoios essenciais tanto na prática quanto ao pensar a oficina. Durante a maior parte da oficina, estavam também como educadoras, Ananda e Hellen. Outro apoio no dia e em alguns momentos importantes de planejamento, foi Anahí, dona do espaço.

O processo de planejamento teve muitas mudanças e dúvidas em relação por exemplo à tempo. Inicialmente iria acontecer em dois dias, e depois mudou para um dia, durante a manhã por 3 horas, das 9h às 12h. Pensando em meio à pressas, em ser uma manhã de imersão sem correr um risco das crianças não voltarem no dia seguinte. Mas o tempo no fim, foi apertado e não couberam partes importantes como considerações finais com as crianças e um desfile de monstros, todo mundo ver o que foi feito, que monstros surgiram, interagir, e momento de brincar um pouco de fato livre, e sendo monstros.

A oficina foi realizada em um espaço na Vila Anglo em São Paulo chamado Ori casafloresta. 10 crianças se inscreveram, e no dia foram 6. As crianças chegaram aos poucos entre 8h40 até 9h30 da manhã. Sentamos em roda e a ideia era uma conversa que fosse mais sobre perguntas para as crianças falarem, sem explicar muita coisa num momento inicial. Perguntei "o que é monstro?" Como resposta veio: "assustador. não gosto de filme de terror" "é esquisito, estranho" "bizarro" "o que não é normal". Pensamos o que seria bizarro? como resposta: "o mais estranho de tudo que é estranho". "Não é porque é esquisito que é do mal. Monstro não precisa ser do mal".

Nos apresentamos: como gostaria de ser chamado ou chamada, uma coisa sobre você e uma careta. Na roda, a ideia fruto de idas e vindas de planejamentos, era ler algum pedaço de um livro ilustrado, para trazer mais pra dentro do universo de monstros e de criação. Foi difícil encontrar algum livro que não saísse demais da proposta, e nem definisse demais uma maneira de ser monstro específico, ou reiterar o monstro “outro”, vindo totalmente de fora da gente. Por fim, reencontrei um livro meu de quando era pequena, o “Pequeno Manual de Monstros Caseiros”, de Stanislav Marijanovic. O autor apresenta o livro dizendo ter feito uma pesquisa com monstros que vivem em casa. É como se cada monstro fosse o culpado de quem te influencia a fazer algo que não seja “adequado”, que talvez não seja “bom”. Tem o monstro da tagarelice, o monstro dedo-duro, o monstro do quarto bagunçado, o de comer doces. No fim, escolhi ler alguns desses monstros com as crianças, com intuito de conhecer monstros que tenham algo de familiar. Surgiram comentários de ter algum desses monstros em casa, ou de se identificar com algum com alguma característica própria.

Li um pouquinho do livro “Pequeno Manual de Monstros Caseiros”, focando mais nas imagens e nomes dos monstros do que a parte completa do texto do livro, conversando. E fomos para prática: “hoje quem vai ser monstro é a gente”. Primeira parte, um desenho planejando o monstro. Segunda parte, construindo algo vestível desse monstro.

No planejamento, nesse momento inicial também fariamos um desenho coletivo, “cadáver esquisito”. Uma folha sulfite A4 para cada pessoa na roda, dobrada em três no mesmo sentido: a primeira parte para a cabeça, a segunda parte para o corpo e a terceira parte para pernas. Essa etapa tinha intenção de começar e exercitar o desenho e possíveis ideias para se criar os

monstros, com que características físicas poderiam ter a partir de ideias próprias e coletivas, com misturas de possibilidades de monstros. As crianças já estavam desenhando antes da oficina começar, enquanto aguardávamos a chegada de pelo menos, a maioria de quem fosse participar, e pela falta de tempo, esse momento do desenho coletivo não ocorreu.

Enquanto as crianças desenhavam e iam criando seus monstros, eu, Ananda e Hellen, aos poucos fomos conversando e perguntando, que monstros estavam surgindo ali, como se chamavam, onde viviam, se tinham amigos... Perguntei também alguns momentos, “esse monstro é parecido com você?”. Perguntas no intuito de aprofundar um pouco que monstro era aquele, e ao mesmo tempo que pensavam nas respostas, os monstros foram criando vida.

Para preservar a identidade das crianças, vou me referir à elas por uma letra inicial, ao invés de seus nomes. O grupo que participou junto de todo o processo era composto de 5 crianças (uma sexta chegou mais tarde, e construiu rapidamente um boneco-monstro com a mãe, que neste caso ficou junto com ele e participou do seu processo de criação). Dois meninos e três meninas. A maioria tinha uma idade parecida, de 9-10 anos. Uma das meninas era um pouco mais nova, com 7. Dois monstros nos chamaram muita atenção. Esses dois monstros foram criação das duas meninas mais velhas. As mesmas que ao longo da oficina e das conversas ficaram bem mais tímidas ao se apresentar, ao conversar. Ao final da manhã, no campo das ideias do planejamento, teria um momento de considerações finais com as crianças, devolutiva, saber o que achavam, trocar um pouco e trocar os resultados entre todo mundo. Além disso, iríamos fazer um pequeno “desfile”, cada um se apresentar, com o nome do monstro que se transformou e suas características, e poder brincar sendo monstro.

Na prática, esse momento final foi atropelado, com pouco tempo, pais chegando. Surgiu uma ideia de todo mundo descer junto para o quintal do espaço, continuação dos ambientes que estávamos usando até então, e lá tirarmos uma foto todo mundo junto. O que poderia ser um início para esse momento final. No entanto, as duas meninas não se animaram de aparecer em fotos. O que no momento de produzir estava fluindo, agora parecia ter voltado para um casulo. Despiram de sua capa e máscara, e recuaram. Mesmo conversando um pouquinho, elas não estavam confortáveis em se mostrar, estar em um lugar de exposição com o próprio corpo. Tirei as fotos dos meninos e da menina mais nova que estavam no quintal, e foram direto fazer poses num brinquedão com escada e escorregador que existia ali no fundo do quintal. Depois, voltei a conversar um pouco com as meninas. Agradei por terem participado, que criaram monstros incríveis, que eu não ia esquecer deles. Perguntei se poderia fotografar as criações, sem elas aparecerem, e elas concordaram, e fiz o registro.

Voltando aos monstros que surgiram, dessas duas meninas. F. criou o “monstro do sono”, chamado Tuiky. Com uma cabeça redonda de duas cores, um lado preto e outro lado ciano. O lado preto, com uma estrelinha amarela, e no outro, uma pequena meia lua também amarela. Observando esse desenho, a estrela e a lua me lembram dois olhos de certa forma melancólicos. Em cima da cabeça, um chapéu estampado de estrelas. F. Me contou que gosta muito de dormir. Mas que não consegue. “Ele que me faz dormir. O problema é que ele é atrasado.”, contou.



O segundo, monstro de S., é o monstro da raiva. Ele tem uma cabeça com explosão, olhos, boca e dentes pontiagudos grandes, e é muito bravo. “O monstro da raiva mata pessoas. Mata e se alimenta de pessoas.” “De que pessoas ele se alimenta?”, perguntei. “Pessoas suculentas”, disse S., soltando uma risada. “E quem seriam as pessoas suculentas?” “Pessoas com raiva.” O monstro da raiva se alimentava, devorava, matava pessoas com raiva. Em uma conversa que S. teve com outra educadora, contou que o monstro da raiva fazia do mundo um lugar melhor, por justamente acabar com as pessoas que têm raiva.

Ouvir sobre esses dois monstros, teve uma profundidade tamanha. Um monstro do sono de uma criança que não consegue dormir, e um monstro da raiva que com raiva, muito bravo, devora quem a tem.

Dos outros monstros que surgiram, E. criou o Olha-Tudo, um monstro verde com olhos na ponta de antenas bem compridas, uma boca grande, cheia de dentes, e com um olho dentro dela. Olha-Tudo consegue ver tudo que está ao seu redor ao mesmo tempo, mas não vê através de nada, nem vê o futuro.

N. criou dois desenhos. De início, um fantasma com quatro braços que saía de sua cabeça, Fantasmagorique. “O que esse monstro tem a ver com você?” “Ah, ele é esquisito. Fantasmas não costumam ter quatro braços na cabeça”. E contou todo animado “ele atravessa paredes!!!”. Depois, desenhou o Esqueletoide, o qual quis se transformar.





M., a menina de 7 anos, desenhou três seres: os Monstros da Natureza. Entre eles, o monstro da árvore, o monstro arco-íris, e o monstro-céu. Com os nomes de cada um no desenho, e setas, ela indicou cada um quem era, e os três eram amigos. Pensamos primeiro em misturar os três monstros na parte da construção, mas no fim, o monstro árvore prevaleceu. Com barbantes e papéis variados, teve tronco, galhos e até copa de árvore na cabeça.



Tentei muito criar expectativas baixas antes da oficina, apenas o necessário para ter vontade, organização e fazer acontecer. Por mais que tenha ficado uma sensação de “podia ter sido melhor” - o que sempre pode - em relação à estratégias, tempos, conduções, algo que se constrói na própria prática, as crianças me surpreenderam. Entrar em contato com as crianças na temática de monstros, depois de passar meses matutando eles em leituras, no pensamento e em conversas, parecia que de repente estávamos falando a mesma língua. Cada criança dizendo coisas diferentes que deram cada vez mais sentido às monstruosidades naquele espaço. No ponto de vista adulto, me diverti junto ao escutar cada ideia e cada invenção espontânea daquelas crianças que tinha acabado de conhecer, mas que nos conhecemos através de seu monstro. Cada um teve sua profundidade do seu jeito.

Agora, na finalização, surgem várias ideias de possibilidades e vontade de continuação e expansão deste formato de troca e aprendizado. É estranho pensar que tanta coisa se mobilizou por aqui, e a oficina em si foi um momento com suas simplicidades, e três horas que passaram voando. Desde o começo, encarei como uma experiência, um experimentar. Um tanto de pensar que precisava de prática. Agora, o que é um Trabalho de Conclusão de Curso, se torna para além de um fechamento, uma abertura de vontade de continuidade, de movimento e de sentido.

É difícil entrar numa dinâmica de pesquisa em campo etnográfico na qual sua vida e trajetos pessoais se tornam tão presentes. Quando o pensar, ler e escrever, dentro da cabeça é grande mas se completa de sentido ao mesmo tempo que surge da prática e do viver. Quando um certo acadêmico e sério insiste na palavra brincar e pequenos e grandes, inspetores - sem deixar de ser sério, tentando se esquecer na comunicação "séria". Vira e mexe pensar demais, perde e volta a ter sentido. E quando o sentido existe, muitas vezes as coisas crescem de proporção.

Cria braços e tentáculos que parecem conectar - quase - tudo. Insistem em conectar, talvez na tentativa do tentáculo virar raiz.

Sigo na lógica das pequenas - grandes coisas. E das grandes - pequenas. Acho que os monstros premeiam o pequeno e o grande em muitos sentidos. O cotidiano, o ser, o sentir, o caminhar que ninguém vê, o caminhar em conjunto. E também permeia marcos, coletivos, políticos e guerras de existir. Monstros existem no simples e no complexo. No que pode ter de criança num corpo adulto que esquece e às vezes quer esquecer. Existem no prazer de imaginar, existem no dar e no dano e no transformá-los para viver. Existem quando ser monstruoso à sua maneira passa a ser vontade. Quanto mais monstro, melhor.







Mini Cookies Organicos
DISPLAY







Bibliografia

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**. 3ª ed. - Belo Horizonte : Autêntica, 2024

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas**. Tradução Carla Rodrigues. - 1ª ed. - Rio de Janeiro : Zahar, 2022

BARBIERI, Stela. **Batuque: conversas com Stela Barbieri** / organização Stela Barbieri ; coordenação Gabriela Moulin Mendonça. São Paulo : BINAH, 2022.

ANGEL, T. **Monstruosidade e educação: alguns rabiscos sobre a Pedagogia do Esquisito ou a Pedagogia das Aberrações**. Revista de Interações Sociais – REIS | v. 8 | n. 1 | jan.-jun. 2024 | p. 104-119 | Rio Grande

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Ttradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NEUENSCHWANDER, Rivane. **O nome do medo**/ [organização]: Lisette Lagnado. – Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio / Instituto Odeon, 2017. 144 pp.; 24,5 cm. Catálogo de exposição realizada no Museu de Arte do Rio no ano de 2017.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi**

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação**

LEITE JR, Jroge, **Monstros usam roupas? A veste nos monstros e a monstruosidade nas vestes**. dobras, número 36. 2022

Negros na Piscina: arte contemporânea, curadoria e educação / organização Diane Lima. - 1ª ed. - São Paulo : Fósforo, 2023. Vários autores. Capítulo *Tratado sobre educação e curadoria em três atos*.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, , soberania, estado de exceção, política da morte**. n-l edições, 2018

LOURO, Guacira Lopes, **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

LEAL, Abigail Campos. **me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans**

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário A normatividade em ação**

KRISTEVA, Julia. **Poderes do horror: ensaio sobre a abjeção**

DINIS, Nilson Fernandes. **Por uma pedagogia queer**

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em reggio emilia**

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa** . Editora UFMG Belo Horizonte, 2013

Monstrans: experimentando horrormônios, Lino Arruda

Julian é uma sereia, Jessica Love

Criança borboleta, Marc Majewski

Que monstro te mordeu, série da TV Cultura

Yo, monstruo mio, Susy Shock